



CEBRI

CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #32

Brexit: The story so far

MAIO DE 2019

Sobre o CEBRI

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente, que contribui para a construção da agenda internacional do Brasil. Há vinte anos, a instituição se dedica à promoção do debate plural e propositivo sobre o cenário internacional e a política externa brasileira.

O CEBRI prioriza em seus trabalhos temáticas de maior potencial para alavancar a inserção internacional do país à economia global, propondo soluções pragmáticas na formulação de políticas públicas.

É uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente. Hoje, reúne cerca de 100 associados, que representam múltiplos interesses e segmentos econômicos, e mobiliza uma rede de profissionais e organizações no mundo todo. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por renomados diplomatas, intelectuais e empresários.

www.cebri.org

EQUIPE CEBRI | Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Gerente Geral: **Luciana Gama Muniz** | Gerente de Relacionamento Institucional e Comunicação: **Carla Duarte** | **PROJETOS** > Coordenadora Acadêmica e de Projetos: **Monique Sochaczewski** | Coordenadora: **Cintia Hoskinson** | Coordenadora: **Maína Celidonio** | Analistas: **Gabriel Torres; Teresa Rossi** | Assistentes: **Carlos Arthur Ortenblad Jr.** | Estagiário: **Luiz Gustavo Carlos** | **COMUNICAÇÃO** > Consultor: **Nilson Brandão/Conteúdo Evolutivo** | Assistente: **Gabriella Cavalcanti** | **EVENTOS** > Coordenadora: **Giselle Galdi** | Estagiária: **Danielle Batista** | **INSTITUCIONAL** > Coordenadora: **Barbara Brant** | Assistente: **Mônica Pereira** | **ADMINISTRATIVO** > Coordenadora: **Fernanda Sancier** | Assistente: **Ana Beatriz Paiva** | Serviços Gerais: **Maria Audei Campos**

FICHA TÉCNICA BREAKING NEWS | Texto: **Leslie Bethell** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org

O CEBRI recebeu, no dia 16 de maio, o Conselheiro Consultivo Internacional, Prof. Leslie Bethell, para debater sobre o Brexit, processo que prevê a saída do Reino Unido da União Europeia (UE). Sob o título “Brexit: The story so far”, o historiador inglês radicado no Rio de Janeiro ressaltou o cenário conturbado na região, que, segundo ele, nunca cultivou o pertencimento à Europa. As implicações da saída da UE, no entanto, são desafiadoras sob diversos aspectos, de econômicos a de fluxos de pessoas, bens e serviços, além de ser uma experiência com efeitos para outros países - para que sigam ou refutem um caminho semelhante.

A discussão - levada a cabo em inglês e em português - teve mediação do Conselheiro Emérito do CEBRI, Embaixador Marcos Azambuja. No debate, o Brexit foi encarado como um processo, não meramente um fato, cujos desdobramentos devem se estender ao longo da próxima década. A possibilidade de um segundo referendo foi exposta, porém sem que se acredite na viabilidade desta opção. No processo de desligamento da UE, no entanto, podem ocorrer acordos e processos que, porventura, resultem em opções menos bruscas, com laços em diferentes esferas, porém, menos abrangentes.

Independentemente do resultado, há a percepção de que o Brexit já provocou problemas na reputação do Reino Unido e o deslocamento de investimentos e empresas para outros países. A opção por intitular a palestra como “Brexit: The story so far” se dá justamente porque este é um processo ainda não completamente interpretado, tampouco estabelecido e previsível.

O CEBRI agradece a presença do Prof. Leslie Bethell, do Embaixador Marcos Azambuja, do Presidente do Conselho Curador, José Pio Borges, além de todos os demais conselheiros e participantes.

Breaking News #32

Brexit: The story so far

MAIO DE 2019

O Brexit é o processo de saída do Reino Unido da Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e País de Gales) e Irlanda do Norte da União Europeia (UE), depois de mais de 40 anos de crescente integração política e econômica do Reino Unido com a Europa.

A União Europeia teve sua origem na Comunidade Econômica Europeia (CEE), também conhecida como Common Market, uma união aduaneira, que surgiu com o Tratado de Roma em 25 de março de 1957, tendo como signatários a França, a Alemanha Ocidental, a Itália, a Bélgica, os Países Baixos e Luxemburgo. A intenção era buscar paz e segurança após a Segunda Guerra Mundial, e ampliar o crescimento econômico pós-Plano Marshall. O Reino Unido não foi membro, a princípio. É uma ilha, separada da Europa continental. Era a líder de um império global (agora denominado Common wealth of Nations). Mantinha uma relação especial com o país dominante no pós-guerra, os Estados Unidos da América. A maioria dos ingleses em particular eram (e ainda são) célticos em relação a compartilharem uma identidade europeia.

A adesão do Reino Unido à CEE só viria a acontecer em 1º de janeiro de 1973, no mesmo dia da Dinamarca e da Irlanda (logo após seguido pela Grécia, em 1º de janeiro de 1981, e a Espanha e Portugal, em 1º de janeiro de 1986). Havia oposição de muitos membros do Partido Conservador governante, que estava sob a liderança do Primeiro-Ministro Edward Heath (1916-2005), preocupado com questões de soberania nacional e independência. Além disso, alguns membros do Partido Trabalhista, na Oposição, sob a liderança do Ex (e futuro) Primeiro-Ministro Harold Wilson (1916-1995), eram contra o que consideravam um bloco capitalista e burocrático. Um referendo – o primeiro no Reino Unido, uma democracia representativa e parlamentarista - foi realizado em 5 de junho de 1975 para avaliar a decisão. A entrada na CEE foi aprovada por 67.23% dos votos, mas ficou muito controversa.

Em 7 de fevereiro de 1992, quando o Tratado de Maastricht criou a União Europeia (UE), que entrou em vigor em 1º de novembro de 1993, um *'single market'* (mercado único) com livre circulação de produtos, pessoas, serviços e capital, as divisões no Reino Unido em relação a Europa aumentaram. Havia receio em relação à possibilidade de que o aprofundamento da integração econômica e política viesse às custas da independência nacional. Depois de 2004, quando países ex-comunistas da Europa Central e Oriental entraram na UE, surgiu uma nova preocupação em relação a fronteiras. A livre circulação de pessoas vindas da Europa era vista como um preço muito alto para pagar em relação às evidentes vantagens econômicas da adesão à UE.

Nas eleições gerais de 6 de maio de 2010, David Cameron, líder do Partido Conservador, tornou-se Primeiro-Ministro, encerrando mais de 13 anos ininterruptos de governo sob o Partido Trabalhista, respectivamente sob as lideranças de Tony Blair (1997-2007) e Gordon Brown (2007-2010). As campanhas dentro do Partido Conservador para que o Reino Unido deixasse a UE se intensificaram, e, em 22 de maio de 2014, o Partido pela Independência do Reino Unido (UKIP), chefiado por Nigel Farage, chegou em

primeiro lugar nas eleições do Reino Unido para o Parlamento Europeu, com 26.6% dos votos. Cameron decidiu fazer uma grande aposta eleitoral. Ele prometeu lançar um novo referendo popular sobre a Europa caso fosse reeleito primeiro ministro nas eleições de 7 de maio de 2015. Foi uma questão de administração partidária e, ao mesmo tempo, que objetivava frear o crescimento do UKIP. Cameron nunca imaginou que poderia perder o referendo.

Contudo, no referendo, realizado em 23 de junho de 2016, com 72.21% de comparecimento, 51.89% dos eleitores votaram *Leave* (pela saída da UE) ante 48.11% de votos *Remain* (em favor de permanecer na UE). Foi a vitória de um discurso de soberania nacional e independência, com o slogan '*Take back control*'. Foi, sobretudo, um voto contra a imigração. 2016 foi um ano complicado em relação às questões de migração na Europa, com crise de chegada de refugiados, a maioria muçulmanos, na região. O referendo não foi só sobre a Europa. Ofereceu também uma oportunidade de voto contra as consequências econômicas da grande recessão de 2008, contra a austeridade, contra a globalização, contra o sistema político tradicional, contra as elites metropolitanas e cosmopolitas – como aconteceu em outras partes da Europa e nos Estados Unidos (vide a eleição de Donald Trump ao cargo de Presidente dos Estados Unidos da América, em 8 de novembro de 2016).

Cameron renunciou ao cargo de Primeiro-Ministro do Reino Unido, que acabou sendo ocupado por Theresa May a partir de 13 de julho de 2016, com todas as suas limitações políticas e pessoais. May tinha votado *Remain* no referendo, como a maioria do seu governo, dos membros da Câmara dos Comuns e dos membros da Câmara dos Lordes. No entanto, em 2 de outubro de 2016, no discurso da conferência anual do Partido Conservador, e em 17 de janeiro de 2017, num discurso no palácio Lancaster House, ela confirmou que abraçaria o Brexit, a decisão democrática do povo britânico (*the will of the people*, na verdade, 37.44% do eleitorado). Para May, a saída sempre foi tratada como irreversível. Ela passou a buscar uma política para que o Reino Unido pudesse deixar a UE de maneira ordenada, mas 'Brexit significa Brexit', ela declarou. Deve ser um Brexit duro – sem união aduaneira, sem mercado único (as famosas linhas vermelhas dela). As alternativas para o Brexit jamais foram discutidas. Em último caso, Brexit sem acordo com a UE foi melhor do que Brexit com um mau acordo.

Brexit: dois anos para conclusão do processo

Em 29 de março de 2017, numa decisão prematura sem muita discussão sobre a estratégia para sair da União Europeia, May invocou o artigo 50 do Tratado de Lisboa (assinado a 13 de dezembro de 2007 e em vigor desde 1º de dezembro de 2009) iniciando uma contagem regressiva de dois anos para que o Brexit fosse efetivado. O Reino Unido deveria sair em 29 de março de 2019. Então, em 18 de abril, a primeira-ministra convocou eleições antecipadas para 8 de junho, imaginando ampliar sua base, mas sofreu um revés, tendo, na realidade, a sua base reduzida e precisando depender da extrema direita,

anti-UE, do seu partido e dos dez membros eleitos pelo pequeno e reacionário Partido Unionista Democrático (DUP) da Irlanda do Norte.

As negociações formais com a UE começaram em 19 de junho de 2017. Algumas obrigações como o *'divorce bill'* (o pagamento final pelo Reino Unido à UE) e a manutenção dos direitos dos cidadãos dos dois lados, foram finalmente acordados – não sem dificuldade. Entretanto, a Irlanda, que praticamente havia sido esquecida durante a campanha pré-referendo do Brexit, passou a ser encarada como um problema fundamental. O Acordo de Belfast (assinado a 10 de abril de 1998 e em vigor desde 2 de dezembro de 1999), que encerrou cerca de três décadas de violência sectária entre a República da Irlanda, país independente e membro da UE, e a Irlanda do Norte, que integra o Reino Unido. Não há mais barreiras físicas entre os dois lados. Porém, com o Brexit, a fronteira entre o Reino Unido e a UE passará entre Irlanda e Irlanda do Norte, com consequências potencialmente graves. A solução oferecida foi o famoso *'backstop'*: em primeiro lugar, a Irlanda do Norte, e, finalmente, todo o Reino Unido ficaria na união aduaneira e partes do mercado único com a UE, até que novas tecnologias venham a resolver o problema da fronteira.

Em 25 de novembro, o Withdrawal Agreement (Acordo de Retirada), incluindo o *'backstop'*, foi assinado, e efetivamente se encerrou o processo de saída do Reino Unido da UE. O Reino Unido deveria sair da UE em 29 de março de 2019, com um período de transição até 31 de dezembro de 2020 pela legislação necessária e a negociação de relações com a UE no futuro. Entretanto, não só os *Remainers*, evidentemente, mas também os partidários de um Brexit mais brando, em que alguns laços econômicos sejam mantidos com a UE - no Partido Trabalhista, no Partido Liberal Democrático, no Partido Verde, no Partido Nacional Escocês, até no Partido Conservador - não estão satisfeitos. Nem os partidários de um Brexit mais duro, especialmente sem o *'backstop'*, no Partido Conservador e o DUP. Para eles, o acordo assinado pela primeira-ministra May significa *'Brexit in name only'*. A preferência deles é por uma saída sem nenhum acordo com a UE.

Depois de uma prorrogação da votação do acordo assinado com a UE, por falta de votos, este foi introduzido na Câmara dos Comuns em 15 de janeiro de 2019. May sofreu uma humilhação. Houve derrota do governo por 432 a 202 votos, a mais severa na história moderna do Reino Unido. Houve uma segunda perda em 12 de março (391 a 242) e, depois um pedido à UE para uma extensão de prazo de duas semanas, e um terceiro

CONTEÚDO RECOMENDADO

Populism in Europe

Leslie Bethell

O autor discute o fenômeno do populismo e suas diferentes facetas. Também debate se o termo representaria as forças políticas atuais em emergência na Europa.



CEBRI
Dossiê #3

insucesso em 29 de março (344 a 286). A margem do terceiro malogro foi reduzido em relação aos dois primeiros porque aqueles em favor de um Brexit mais duro temiam que o Brexit não iria acontecer, e aqueles em favor de um Brexit mais brando ou *Remain* temiam que o Reino Unido sairia da UE sem acordo.

Depois de dois anos, o governo Conservador finalmente ofereceu discussões à Oposição, mas fracassaram. Theresa May recusou abandonar as suas linhas vermelhas e Jeremy Corbyn, o líder do Partido Trabalhista, insistiu em um Brexit brando, incluindo a união aduaneira e um voto confirmatório do povo. O governo teve que pedir mais uma extensão de prazo. A UE, sem entusiasmo, para evitar um Brexit sem acordo e talvez esperando que por fim não viesse a acontecer, ofereceu ao Reino Unido a nova data pelo Brexit: 31 de outubro de 2019.

Isto é *the story so far*, nem o fim do início. Depois do Brexit, as negociações sobre a futura relação do Reino Unido com a UE começarão.

E agora?

A busca por um acordo de retirada que uma maioria no Parlamento possa apoiar, uma forma de Brexit branda, continua. Contudo, os vários votos indicativos sugerem que só existe uma maioria contra o Brexit sem acordo. Entretanto, as eleições para o Parlamento Europeu vão acontecer nos dias 23-26 de maio de 2019. Uma vitória do novo Partido Brexit liderado por Nigel Farage, ex-líder do UKIP, e o colapso da parcela devotos do Partido Conservador, como esperado, fortaleceria a linha dura em relação ao Brexit. Theresa May já prometeu se demitir depois das eleições e o(a) seu(sua) sucessor(a) vai ser provavelmente da extrema direita, ala anti-UE, do partido (Boris Johnson?).

A pressão em favor de um segundo referendo dentro e fora do Partido Trabalhista, incluindo protestos nas ruas, continua. Há uma sensível mudança da opinião pública em relação à permanência do Reino Unido na UE, mas não forte o suficiente para garantir sucesso no referendo. Nas pesquisas mais recentes, só um terço dos ingleses – e o Brexit é, sobretudo, um projeto inglês – tem identificação forte com a identidade europeia. É possível perceber um cansaço em relação ao tema. A expectativa é de que os políticos encontrem uma solução. Se não, a não ser que a UE ofereça mais uma extensão de prazo, o que é possível, mas não certo, o Reino Unido, depois de três anos e dois prazos finais fracassados (29 de março de 2019 e 12 de abril de 2019), dever sair da UE sem nenhum acordo em 31 de outubro de 2019.

O processo do Brexit já prejudicou a economia britânica, especialmente o setor financeiro e a indústria automobilística, além da reputação internacional do país. O Brexit sob o acordo assinado por May e também um Brexit mais brando piorariam a situação, e uma saída sem nenhum acordo seria desastrosa. O último também ameaça a União. No referendo, a Irlanda do Norte votou 55.78% a 44.22% em favor do Remain. A restauração da fronteira com a República da Irlanda e o resultado do Brexit sem o *'backstop'*

vão fortalecer a ideia de uma Irlanda unida dentro da UE. A Escócia votou 62% a 38% em favor de *Remain* no referendo. Pode-se apostar que a Escócia ficará independente, na UE, dentro de dez anos?

Finalmente, o impacto na UE, que nunca quis a saída do Reino Unido. Terá prejuízo econômico, mas será menor do que o que terá o Reino Unido. A saída de um dos países mais importantes da UE também representará prejuízo político. Significa um revés na construção de uma Europa sempre mais unida, pacífica, próspera e poderosa. Poderá ainda fortalecer os partidos e movimentos populistas e nacionalistas da extrema direita contra a UE em outros países. Alguns comentaristas já trabalham com a hipótese da futura desintegração da UE. Embora, claro, os reflexos do processo complexo do Brexit possam provocar o efeito contrário.

O futuro da UE, com ou sem o Reino Unido, é o tema para um segundo seminário.

Leslie Bethell





Biografias

Embaixador Marcos Azambuja

Embaixador Marcos Azambuja Serviu como Embaixador do Brasil na França e na Argentina, assim como Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos em Genebra. Foi Coordenador da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cúpula da Terra Rio 92). No Ministério das Relações Exteriores, serviu como Secretário-Geral (Vice-Chanceler), tendo previamente atuado em Londres, Cidade do México e Nova York (ONU). Foi membro da Comissão de Armas de Destruição em Massa e do Fórum de Tóquio para a Não proliferação Nuclear e Desarmamento. O Embaixador Azambuja é atualmente membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Fundação Roberto Marinho.

Leslie Bethell

Leslie Bethell é Professor Émerito de História da América Latina e ex-diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Londres; Fellow Émerito, St Antony's College, Oxford e diretor fundador do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford. Autor de livros sobre a história política, social e cultural da América Latina, especialmente o Brasil, os mais recentes são Joaquim Nabuco no mundo: abolicionista, jornalista e diplomata (2016), (ed.) Viva la Revolución. Eric Hobsbawm on Latin America (2016) e Brazil: Essays on History and Politics (2018). Ele é organizador do Cambridge History of Latin America em 12 volumes, também publicado em espanhol, português (pela EDUSP) e chinês. Desde 2007 quando se aposentou da Universidade de Oxford ele vive no Rio de Janeiro. Em 2010 foi eleito um dos vinte membros estrangeiros da Academia Brasileira de Letras e recebeu a Ordem Nacional do Mérito Científico.



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Alfredo Graça Lima

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Luiz Fernando Furlan

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Diretora Executiva

Julia Dias Leite

Conselho Curador

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Armínio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Edmar Bacha

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Ilona Szabó

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Aldo Rebelo

José Luiz Alquéres

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Marcos Galvão

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Paulo Hartung

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Ronaldo Veirano

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Conselho Internacional

Albert Fishlow

Alfredo Valladão

Andrew Hurrell

Felix Peña

Julia Sweig

Kenneth Maxwell

Leslie Bethell

Marcos Caramuru

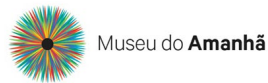
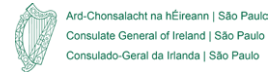
Marcos Jank

Monica de Bolle

Sebastião Salgado

ASSOCIADOS

Em junho de 2019



Sócios Individuais

Adriano Abdo
Álvaro Otero
Arminio Fraga
Carlos Leoni de Siqueira
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Claudine Bichara de Oliveira
Cristina Pinho
Décio Oddone
Eduardo Marinho Christoph
Eduardo Prisco Ramos
Fernando Bodstein
Fernando Cariola Travassos
Frederico Axel Lundgren
Gilberto Prado
Guilherme Frering
Henrique Rzezinski
Jaques Scvirer
João Felipe Viegas Figueira de Mello
João Roberto Marinho
José Francisco Gouvêa Vieira
José Roberto de Castro Neves
Larissa Wachholz

Leonardo Coelho Ribeiro
Marcelo Weyland Barbosa Vieira
Marcio João de Andrade Fortes
Maria Pia Mussnich
Mauro Viegas Filho
Najad Khouri
Paulo Ferracioli
Pedro Leitão da Cunha
Ricardo Haddad
Ricardo Levisky
Roberto Abdenur
Roberto Amadeu Milani
Roberto Guimarães Martins-Costa
Roberto Pereira de Almeida
Roberto Prisco Paraiso Ramos
Roberto Teixeira da Costa
Rosana Lanzelotte
Sergio Zappa
Stelio Marcos Amarante
Thomas Trebat
Tomas Zinner
Vitor Hallack
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2018 o terceiro melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade da Pensilvânia.

www.cebri.org